



## Os Trombonistas no Choro: dos precursores aos atuais referenciais.

**Marcos Flávio de Aguiar Freitas**  
trombomarcos@hotmail.com - UFMG

**Resumo:** este artigo buscou registrar os nomes dos primeiros trombonistas chorões, contidos em PINTO (1936), fazendo um apanhado histórico, além de conter pequenas biografias de nomes que são referenciais da performance do instrumento no Choro até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Performance. Choro. Trombone.

**Abstract:** this article sought to record the names of the first Choro trombonists, contained in PINTO (1936), making a historical record, and also contains small biographies of names that are references of the performance of the instrument in Choro to the present day.

**Keywords:** Performance. Choro. Trombone.

### 1. Os Precursores

O livro – *O Chôro, reminiscências dos chorões antigos* – foi originalmente publicado em 1936. Em sua contracapa há o texto “Contendo: O perfil de todos os chorões da velha guarda, e grande parte dos chorões d’agora, factos e costumes dos antigos pagodes, este livro faz reviver grandes artistas musicistas que estavam no esquecimento”.

(...). Alexandre Gonçalves Pinto (Rio de Janeiro, 1870 – Rio de Janeiro, 1949) foi carteiro e músico de choro, sendo também cantor, violonista e cavaquinista. É o autor da obra *O Choro, reminiscências dos chorões antigos*, que foi lançada em 1936 e contém dados sobre quase 300 músicos que atuaram no fim do século XIX e começo do século XX. O texto é mais conhecido como “Memórias de um carteiro chorão” e, embora escrito por um “humilde carteiro”, tornou-se fonte essencial para os estudiosos da musicologia brasileira, diante da escassez de material sobre este período (JUNIOR, 2014, p.41).

O livro foi organizado sob a forma de verbetes, sendo um registro importantíssimo do movimento musical da segunda metade do século XIX no Brasil. Como existem poucas fontes de estudo e registro dessa época, o livro se tornou uma referência musicológica valiosa. O carteiro e cavaquinista amador Alexandre Gonçalves Pinto conseguiu, de forma simples e despretensiosa, não só reunir pequenas biografias sobre toda uma geração de chorões, mas registrar todo o ambiente do choro, discorrendo sobre o movimento cultural carioca da época. Em seu livro, também descreve os encontros entre os chorões, os frequentadores dos saraus e serestas, as comidas e bebidas servidas, as danças, expressões e gírias correntes na época, as



formações dos grupos e os instrumentos que eram utilizados, além, é claro, de elencar as músicas de maior sucesso entre os chorões neste período.

Foram identificados dezenove trombonistas em seu livro nesta primeira geração de instrumentistas dedicados ao choro. Elencaremos aqui todos os encontrados, transcrevendo apenas parte dos verbetes contidos no livro de Alexandre Gonçalves Pinto. Aliás, o estilo de sua escrita é um atrativo à parte, como pode-se perceber. Ele abusa de erros, adjetivos e expressões inusitadas:

Accyoli:

“E' um pistonista de muito folego, e que tem feito prodígios com o seu pistão, e ainda faz. Elle é tambem um trombone conquistado pelas Companhias Extranjeiras que nos visitam, satisfazendo sempre todas as exigencias dos maestros regentes. O Accyoli vence todas as musicas por mais dificil que sejam em um só golpe de vista, razão porque é conhecido como artista de primeiro plano vencendo todas as dificuldades da crise que avassala no momento os nossos melhores musicistas. E' elle sempre procurado pelos organizadores das orquestras dos nossos Theatros, onde elle é um verdadeiro astro que com o seu brilho eleva o valor dos nossos musicos. Accyoli foi e é um grande chorão da tempera dos inesqueciveis Luiz de Souza e Carramona, e independente disto é um leal amigo e de apurada educação.” [sic] (PINTO, 1936, p.262).

Ademar Casaca (citado em Chiquinho):

“(...) primoroso violão, admirado. Deixou o violão e toca actualmente Trombone com maestria, sendo um eximio professor.” [sic] (PINTO, 1936, p. 24).

Bellot (citado em Paulino):

“(...) tocava tambem com Paulino, o grande trombonista Bellot, e Ernesto Magalhães, grande violão, e outros, que não me vem á memoria.” [sic] (PINTO, 1936, p.61).

Benedicto Bahia:

“Vamos agora bolir com as fibras de outro immenso folião da flauta que se chama Benedicto Bahia, foi bamba nos segredos da flauta, quasi todo Botafogo conhece-o como chorão de facto, pois quando melodiava na sua flauta naquelles choros molles que é commum nelle, as mulatas ficavam todas dengosas, dizendo bravo, seu Bahia ! Hoje pelos annos e pezo de família está um pouco retirado, mas mesmo assim ainda dá a sua pernada. Eram seus acompanhadores o celeberrimo violão Ademar Casaca, morador a muitos annos tambem em Botafogo, violão primoroso, sola e acompanha com grande maestria. Hoje toca trombone por musica o que conhece com theoria e rythmo.” [sic] (PINTO, 1936, p. 47).

Carlos Furtado (e Candinho):



“Era um hábil chorão, tocava flauta com certa perfeição, era especialista nas músicas de Callado, Silveira, Luizinho e do trombonista Candinho Silva, cujas composições acham-se no caderno de muitos flautistas da actualidade, nenhum dos antigos músicos escreveu tanta quantidade de chãos como Candinho Silva tem escripto, é admiravel em suas composições pois não só escreve com dificuldades para os tocadores batutas, como também para os fraquinhos. Candinho toca trombone como poucos, é um verdadeiro maestro no instrumento, suas composições são de uma belleza de arte e de gosto. Em meu poder tenho grande quantidade das mesmas que guardo com todo carinho como uma joia de alto valor... Furtado, abandonando a flauta, dedicou-se ao trombone tendo como mestre Candinho Silva, tornando-se um trombonista respeitado, dando com isso grande prazer ao seu mestre.” [sic] (PINTO, 1936, p.18).

O Coimbra do Trombone:

“(...) O Coimbra, era pae de um moço que tornou-se um grande chorão no violão, já fallecido. Eu privei muito com o Coimbra, uma ocasião encontrei-o no Estacio de Sá, e começamos a tomar umas "lambadas", as paginas tantas já estavam cercado frango.” [sic] (PINTO, 1936, p.126).

Deodato Matta:

“Foi chorão de facto, e inveterado. O seu instrumento era o trombone, que elle executava com muita perfeição. Acompanhava muito bem, não só com a parte a frente como tambem de ouvido, acompanhou grande chorões daquella época e senpre a contento de todos, pois sabia naquelle instrumento dizer o que sentia. Tocou em muitos bons bailes, Sociedades, Ranchos etc., de fazer arrebatado. O bom amigo acima era baiano de nascimento attendo-se aposentado no cargo de carteiro. Foi residir no seu torrão natal e lá falleceu, deixando grandes saudades.” [sic] (PINTO, 1936, p.222).

Eurico (e Sequito):

“Quem em Villa Izabel não conheceu o bom do Eurico. Amigo dedicado, companheiro firme impossivel de descreerse. Eurico dedicou-se ao cavaquinho, que celebrou-se, tal a maneira que sabia dedilhar aquelle minusculo instrumento. Acompanhava admiravelmente, que diga o meu dedicado amigo, e grande professor Candinho Silva, Jorge Seixas, Jucas Ruso e muitos outros que em choros com este sempre chorado e lembrado musicista. Depois dedicou-se a trombone, que julgo ter sido seu professor e bom o Candinho e tambem o sempre lembrado Sequito, que gostosamente sabia dizer no seu trombone todas as maguas de um coração sentido.” [sic] (PINTO, 1936, p.248).

Felipe Trombone:

“Conheci muito de perto este chorão, na casa da Maria Arauna, onde elle residiu por muito tempo. Tocava muito bem o seu instrumento, e era o trombone nas festas que dava quasi continuamente em casa da Maria Arauna. Tambem tocava bombardino com bastante perfeição.” [sic] (PINTO, 1936, p.222).



Francisco Galvão (Chico Care'ca):

“Este bom chorão trabalha há muitos annos no Jornal do Commercio; é bamba no Trombone e turuna no Obóe, instrumento este por quem elle tem muita predilecção. Chico Cereca é um chorão divertido, por esta razão não podia de modo nenhum deixar de lhes prestar esta homenagem aqui. Amigo sincero e respeitador, um coração de ouro, esplendido chefe de familia. Eis tudo o quanto tenho de dizer deste chorão antigo e muito querido pelos chorões da velha e nova guarda.” [sic] (PINTO, 1936, p.186).

Henrique Martins:

“Foi alumno do Collegio dos Meninos Desvalidos. Companheiro do Romeu e do saudoso Paulino Sacramento e de muitos outros grandes musicos. Conheci-o como subdirector de harmonia do Ameno Resedá, como um grande disciplinador de harmonia, fazendo cousas impossiveis com o seu trombone e bombardino nos contra-cantos da marcação do bombardão do inesquecivel Gonzaga.” [sic] (PINTO, 1936, p.128).

Irineu Batina:

“Este professor, e maestro era conhecido no meio do choro por “Batina”, porque este bom e amavel amigo para mim inesquecivel, assim como para todos, andava sempre de sobrecasaca comprida, muito em voga naquella época. O seu instrumento preferido era o ophicleide no choro, porém nas companhias lyricas ele era um trombonista disputado por todos os maestros estrangeiros. Como componente da bando do Corpo de Bombeiros, era um eximio executor do bombardino, estimado e admirado pelo inesquecível Anacleto, que tinha por elle muita veneração pois o Irineu era um artista de muito valor.” [sic] (PINTO, 1936, p.103).

Ismael Brasil:

“(...) Era um trombonista de sopro macio, e no bombardino então não se fala, tendo por isso sempre preferencia pelos flautas seguintes: Videira, João Claudio do Senado, Salvador Marins, Raymundo da Alfandega, Felizberto Marques, João de Britto, Timbó, Genilicio, Balduino tendo por elle veneração.” [sic] (PINTO, 1936, p.93).

Jacinto Costa (O Quaty):

“Teve grande nomeada este celebre musico, que foi o esplendor dos músicos nesta cidad, Nictheroy e até em S. paulo, onde celebrisou-se com seu mavioso instrumento que era trombone. Naquelles tempos o seu nome andava de bocca em bocca, com uma admiração impossivel de descrever-se. Quaty era musico de verdade, pois conhecia com grande facilidade, e arte no seu instrumento. Acompanhava-os choros de ouvido, com grande belleza, fazendo os encantos nas notas de extasiar.” [sic] (PINTO, 1936, p. 216).

Sabino Malaquias de Siqueira (O Binoca):

“(...) Binoca, foi carteiro do Correio, foi de uma felicidade medonha, pois aprendendo a tocar trombone tornou-se um musico de primeira agua. O chorão de que falo, com sua inteligencia, aprendeu musica, foi um bellissimo companheiro, sempre prompto, a servir aos



seus amigos emprestando nas festas muito brilhantismo com seu instrumento.” [sic] (PINTO, 1936, p.57).

Salustiano Trombone:

“Foi grande músico, e respeitado pelo seu saber musical. Conhecia o seu instrumento com grande proficiência. Foi primeiro trombonista no 7º Batalhão de Infantaria do Exército, naquelles bons tempos. Leccionou seu instrumento a muitos, que tornaram-se grandes e afamados musicos.” [sic] (PINTO, 1936, p.112).

Salvador:

“(…) trombonista. Companheiro de Luiz de Souza e Irineu. Não sabemos se ainda vive.” (PINTO, 1936, p.236).

Este foi o primeiro registro de trombonistas ligados ao choro e que obviamente serviram como exemplos basilares não só para o desenvolvimento de uma linguagem do choro no instrumento, mas para todo o processo de construção de uma linguagem interpretativa do gênero. Partindo do princípio de que o choro está na raiz de todo desenvolvimento e desmembramento de vários outros gêneros da música brasileira como o samba, a bossa, etc; a importância destes músicos precursores do trombone na música popular brasileira, de uma certa forma, permanece até hoje como influência inequívoca na forma de tocar de vários trombonistas.

Neste momento, citaremos alguns trombonistas aos quais creditamos importância na história do instrumento no Brasil e na construção de uma forma de tocar o trombone, não só no choro, mas na música brasileira como um todo. Ademais, contribuíram para consolidar o trombone como um instrumento característico do fazer musical brasileiro. Temos certeza de que isto traduzirá apenas uma parcela do panorama do cenário real, diante de um país de dimensões continentais e com uma diversidade musical tão grande como o Brasil. Não é nosso intuito enumerar todos os trombonistas, mas apenas listar alguns que julgamos importantes para o cenário trombonístico brasileiro – em especial para o gênero choro. Estas pequenas biografias tentarão mostrar um pouco do que representam estes trombonistas, suas relações com outros músicos e a sua importância para a história do trombone no choro. Em



uma primeira geração podemos elencar Irineu Batina, Candinho, Euclides Galdino, Esmerino Cardoso e Vantuil de Carvalho.

Irineu Batina (1873-1916) nasceu no Rio de Janeiro. Foi um dos pioneiros do trombone no choro como citado por PINTO (1936, p.103). O fato de sempre usar um sobretudo ou sobrecasaca deu origem ao seu apelido. Também tocava oficleide<sup>43</sup> e eufônio<sup>44</sup> (bombardino). Era amigo de Alfredo da Rocha Vianna, pai de Pixinguinha, e frequentava as rodas e saraus que havia na então “Pensão Vianna”. Este contato estreito com a família Vianna fez dele professor de Pixinguinha, fato que foi determinante para moldar sua forma de tocar, fazendo seus característicos contracantos no saxofone. Foi também ele que deu as primeiras oportunidades a Pixinguinha de tocar profissionalmente e foi com ele que o futuro “Mestre” gravou pela primeira vez. Em 1913 Irineu Almeida no oficleide e Pixinguinha na flauta gravaram o seu tango *São João debaixo d’água*, com o Grupo *Choro Carioca* pela *Casa Edison*<sup>45</sup>. Irineu Batina foi membro da lendária *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*, sob a regência de ninguém menos que Anacleto de Medeiros. Segundo PINTO (1936, p.78) “O seu instrumento preferido era o oficleide no choro, porém nas companhias lyricas ele era um trombonista disputado por todos os maestros estrangeiros”. Sua importância para o choro foi grande, pois além de ter participado das primeiras gravações tocando oficleide e bombardino no Brasil, também foi responsável por lecionar para diversos chorões. Vale ressaltar que muito da linguagem do trombone no choro vem da forma de tocar o oficleide e o bombardino, daí a importância de Irineu neste contexto. Estes instrumentos eram responsáveis pelos contracantos e contrapontos nos arranjos das Bandas de Música ou

---

<sup>43</sup> Instrumento de sopro da família dos metais, obsoleto, acionado pelos lábios, pertencente à família do bugle de chaves, da qual é o instrumento baixo. Foi patenteado pelo fabricante francês Halary em 1821. (SADIE, 1994, p.669)

<sup>44</sup> Instrumento da família dos metais, de largo perfil cônico, essencialmente um tipo de tuba tenor. (SADIE, 1994, p. 305)

<sup>45</sup> Casa Edison foi a primeira casa gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900 por Frederico Figner no Rio de Janeiro. Inicialmente apenas importava e revendia cilindros fonográficos e discos (utilizados nos gramofones de Emil Berliner), mas em 1902, lança o que é considerada a primeira música brasileira gravada no país, o lundu *Isto é Bom* do compositor Xisto Bahia na voz de Baiano. Anos mais tarde em 1917 lançaria também o primeiro samba gravado no país, *Pelo Telefone*, de autoria de Donga e Mauro de Almeida, executado também por Baiano. Em 1926 a gravadora perderia a representação da Odeon e no ano seguinte passaria a gravar pelo selo *Parlophone*, até que, em 1932, sairia definitivamente da indústria fonográfica, passando a operar com máquinas de escrever, geladeiras e mimeógrafos até encerrar suas atividades em 1960. Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/casa-edison>>. Acesso em: 1 abr. 2016.



“Bandas de Sopro” da época. Como todo gênero musical, o choro tem a sua maneira de tocar; além das linhas melódicas, os contracantos nos graves são fundamentais para complementar as ideias musicais no choro. A famosa baixaria do violão de sete cordas que conhecemos hoje é oriunda destes contracantos e destas frases “bombardinísticas” executadas pelos instrumentos graves das Bandas de Música. Segundo BRASIL DE MATOS GUEDES:

(...). As baixarias são contracantos graves realizados no choro. O termo pode designar: a) a linha formada pelos baixos da progressão dos acordes em uma determinada passagem; b) um desenho ou gesto melódico, por parte dos acompanhadores de tessitura grave, que normalmente conduz de um acorde a outro, que preenche os momentos de maior repouso da melodia principal ou ainda que define um estilo de levada. (BRASIL DE MATOS GUEDES, 2003, p.13).

Exemplos disso podem ser ouvidos em gravações feitas pela Banda da *Casa Edison*, principalmente nas composições e arranjos de Anacleto de Medeiros. Vale lembrar que tanto Irineu Batina, no oficleide, como Cândido Pereira da Silva, no trombone, foram regidos pelo maestro Anacleto na *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*.

Candido Pereira da Silva (1879-1960), o Candinho do Trombone foi um respeitado trombonista e um grande compositor. Nasceu no Rio de Janeiro e suas obras são extremamente virtuosas para a época e muito elaboradas harmonicamente. Nesse sentido, segundo JÚNIOR (2014), Candinho foi um marco para inovar na escrita e alavancar a qualidade da execução técnica trombonística no choro. Foi um trombonista virtuoso e muito diferenciado, pois além de tocar em grupos de choro e fazer várias gravações, também tocou na Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde se aposentou em 1951, depois de 18 anos atuando no naipe de trombones. Foi também maestro de uma banda de música da Fábrica de Tecidos e sargento da banda da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Um LP importantíssimo para a história do trombone no choro foi gravado em 1979 com obras de Candinho. O LP *Candinho na interpretação de Nelsinho* foi uma justa homenagem no centenário do compositor feita pelo trombonista Nelsinho do Trombone. Mesmo com essa gravação e algumas feitas por outros instrumentistas, o repertório de Candinho ainda é pouco conhecido entre trombonistas e chorões em geral. Apesar disso, a importância de Candinho como trombonista é inegável, sendo uma grande referência para o modo de tocar o choro



pelos trombonistas, principalmente por suas atuações nas primeiras gravações da *Casa Edison* e *Favourite Records* se destacando como solista e desenvolvedor de contracantos (JÚNIOR, 2014, p.22).

Temos também dois trombonistas importantes na história do trombone no choro, que foram Euclides Galdino e Esmerino Cardoso, que integraram o grupo *Os oito Batutas*, que juntamente com Pixinguinha realizaram diversas gravações, viagens e apresentações, sempre divulgando o choro. São poucas as informações encontradas sobre estes importantes trombonistas da história do choro. Sabe-se que nasceram por volta do ano de 1900 no Rio de Janeiro. Esmerino Cardoso compôs em 1933 a valsa *A saudade não quer*, letrada por Orestes Barbosa. Segundo CABRAL (1998) “quando *Os Oito Batutas* retornaram à atividade além de Esmerino Cardoso outro trombonista se juntou ao grupo. Para isto incorporam ao grupo a bateria tipo americana de J. Thomaz e o trombone de Euclides Galdino. *Os Batutas*, seriam ao mesmo tempo um grupo de Jazz e Choro.” Esmerino pode ser visto em fotos clássicas do grupo. Deitado no chão com seu trombone, ou de pé com o trombone em riste. A verdade é que apenas o fato de Esmerino Cardoso e Euclides Galdino terem participado dos *Oito Batutas* já os credenciam a estar entre os principais músicos do gênero dada a importância histórica deste grupo.

Mais um importante trombonista que como Esmerino Cardoso e Euclides Galdino integrou o *Oito Batutas*, foi Vantuil de Carvalho. Nasceu no Rio de Janeiro, por volta de 1900 e morreu com pouco mais de trinta anos. Grande amigo de Pixinguinha, além de músico, trabalhou como professor, orchestrador e compositor. Esta amizade proporcionou a Vantuil de Carvalho tocar com Pixinguinha no grupo da *Guarda Velha* e conseqüentemente tocar com figuras como Luiz Americano Rego (1900-1960), Bonfiglio de Oliveira (1891-1940)<sup>46</sup>, Ernesto Joaquim Maria dos Santos ou “Donga” (1889-1974), João Machado Guedes ou “João da Baiana” (1887-1974), entre tantos outros chorões. Teve o auge de sua carreira com a gravação pela gravadora *Odeon* de sua composição *Au Revoir* por volta de 1920.

---

<sup>46</sup> MOTA JUNIOR, Pedro. *Dois Estudos de Casos do Trompete no Choro: Flamengo de Bonfiglio de Oliveira e Peguei a Reta de Porfírio Costa*. Dissertação de Mestrado, UFMG. 2011.



Em uma segunda geração podemos elencar Zezinho do Trombone, Astor Silva, José Leocádio, Raul de Barros, Nelsinho do Trombone e Norato.

José Catharina Gonçalves Filho (1908-1962), o Zezinho do Trombone era paulista de Guaratinguetá, mesma cidade do chorão e trompetista Bonfiglio de Oliveira. Foi militar em Lorena/SP (Banda do 5º Regimento de Infantaria), depois se mudou para São Paulo para trabalhar como orchestrador. Escreveu, orquestrou e gravou várias músicas dentre elas *Bandinha Aurora*, *Terreiro de Iaiá*, *Samba Brasil* e *Bom dia Café* de Victor Simon, além do seu sucesso carnavalesco *Alegria*. Quando jovem, tocou ao lado de Bonfiglio, que era trompetista do grupo *Os Oito Batutas*. Por meio de Dilermando Reis, Emílio Cortes e Paulo Alfaiate, foi introduzido no universo do choro e estes o apresentaram a Pixinguinha, com quem teve a honra de tocar em algumas apresentações. Sua importância para o trombone no choro decorre também de seu pioneirismo, tendo sido um dos primeiros trombonistas paulistas voltados para o gênero.

Da mesma geração, o carioca Astor Silva (1922-1968) também se destacou. Conhecido por ter composto o choro *Chorinho de Gafieira*, amplamente difundido nas rodas de choro de todo país, Astor Silva foi trombonista, compositor, arranjador e regente. Tocou com a Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, se apresentando em vários países. Gravou e acompanhou artistas como Flora Matos, Virgínia Lane, Zilá Fonseca, Risadinha, Wanderléia, Cyro Monteiro, Rossini Pinto, Elis Regina, Ademilde Fonseca, Raul Moreno, Dóris Monteiro, Moreira da Silva, Nora Ney, Emilinha Borba, dentre outros. Entre suas principais composições encontramos os choros *Pisando Macio*, *No melhor da festa*, *Alta noite*, *Chorinho de boite* e os sambas *Sete Estrelas* e *Samba e Água Fresca*. Em 1974, Raul de Barros o homenageou gravando em seu LP *Brasil Trombone* o seu choro *Chorinho de Gafieira*.



Entre os variados subgêneros e estilos do choro, em especial para o trombone, destaca-se o *choro de gafeira*<sup>47</sup>. Este nome batiza uma composição de Pixinguinha que teria, por característica, ser um choro mais “dançante”. Outros choros para gafeira bem conhecidos, compostos por trombonistas, além de *Chorinho de Gafeira* de Astor Silva, foram *Na Glória*, de Raul de Barros e *Paraquedista*, de José Leocádio.

O trombonista José Leocádio provavelmente nasceu na década de 1910. Foi um dos membros fundadores da Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. Segundo ALBRICKER (2000), a Orquestra Tabajara foi fundada em 1937 e suas gravações e apresentações contribuíram muito para o desenvolvimento do arranjo brasileiro para grandes formações. Em 1952, junto com os trombonistas Astor Silva e Manoel Araújo, e com o saxofonista Zé Bodega, gravou seus choros *Humildemente* e *Cadillac Enguiçado*. São seus também os choros *Quarenta Graus* e *Bariri*. José Leocádio é o compositor de um choro de gafeira muito popular, o *Paraquedista*, lançado pela Orquestra em 1946. O choro fez tanto sucesso que tem várias gravações, com muitos artistas. Alguns exemplos, em 1977, o flautista Altamiro Carrilho deu a sua versão em um LP chamado de *Antologia do chorinho*. Em 1996 a cantora paulista Carmina Juarez gravou o choro no CD *Arrasta a Sandália*, e em 2000, foi gravada pelo Quarteto de Trombones da Paraíba no CD homônimo, mas a versão mais conhecida foi gravada por Raul de Barros no seu LP *Brasil Trombone* de 1974.

No choro, o trombone inicialmente desempenhava os papéis comuns ao bombardino e o oficleide, como já foi explanado, fazendo o contracanto como nas Bandas de Música, ou “costurando as melodias”, como dizem alguns chorões. O papel do trombone como solista (melodia) era esporádico e com poucas gravações. Mas com o tempo este papel de apenas

---

<sup>47</sup> O aparecimento dos salões de dança – depois denominados genericamente gafeiras – representa um curioso momento na história das relações de classe no Rio de Janeiro. Essa novidade da criação de um serviço de bar e música de dança à base de conjuntos de sopro, cordas e percussão, geralmente instalados em salões de velhos sobrados do antigo centro comercial do Rio, ou de alguns bairros e subúrbios mais populosos, surgiu no fim da segunda metade do século XIX, como uma evidente consequência ocorrida após a abolição da escravatura. (...) Essas sociedades recreativas representavam a primeira criação social de grupos praticamente sem experiência de ‘vida de salão’. Tanto isso é verdade que, na tentativa de imitar os bailes da gente da classe média, tais eram os pequenos equívocos de etiqueta cometidos, que um cronista chamaria pela primeira vez esse tipo de clubes de gafeiras para expressar, sob esse neologismo, a verdadeira enfiada de gaffes que neles sempre ocorria. (TINHORÃO, 2005, p. 206 e 207).



coadjuvante começou a mudar. Alguns trombonistas brasileiros, influenciados pelas grandes orquestras de música popular que cresciam na época, as *Big Bands*, se espelharam em trombonistas e *band leaders* americanos como Tommy Dorsey (1905-1956) e Glenn Miller (1904-1944) para assumirem a liderança de seus grupos. O maior representante desta reviravolta do trombone, e possivelmente o mais importante divulgador do instrumento como solista no Brasil foi Raul de Barros.

O carioca Raul Machado de Barros (1915-2009) foi um dos trombonistas brasileiros mais conhecidos dentro e fora do país. Sua composição mais famosa é o choro *Na Glória*, considerado pelos trombonistas como o hino do trombone popular brasileiro. É com certeza repertório obrigatório para qualquer trombonista que queira se dedicar ao estudo da música brasileira. Sempre que um trombonista está em uma roda de choro, a interpretação de *Na Glória* é pedido certo: “Toca *Na Glória!!*”, “Toca Raul!!”.

Raul de Barros iniciou seus estudos em 1930 com Ivo Coutinho e Eugênio Zanata. Seu primeiro disco solo foi lançado em 1948 e no ano seguinte gravou com sua orquestra o choro *Na Glória*, de sua autoria. Na década de 50 foi para a Rádio Nacional, onde apresentava um programa semanal e iniciou uma série de gravações de músicas que marcaram a história do trombone brasileiro, dentre elas suas composições: *Pororó-Pororó-Pororó*, *Gilda* (em homenagem a sua esposa) e *Melodia Celestial* (1955). Gravou o “*Intermezzo*” de Provost, em ritmo de Fox, e o choro *Voltei ao meu lugar* de Carioca, em 1956. Em 1957 gravou a sua música *Rock em Samba* e *Amigo Velho*, de Cristovão de Alencar (1910-1983) e Hélio Nascimento. No ano de 1958, lançou o LP *Ginga de Gafieira* com solos memoráveis para *Cidade Maravilhosa*, de André Filho; *Se acaso você chegasse*, de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins; *Gosto que me enrosco*, de Sinhô e a música título do álbum, *Ginga de Gafieira*, de Alcebiades Nogueira. Em 1974 gravou talvez, o seu mais conhecido disco, o *Brasil Trombone*, com destaque para as interpretações de seus choros *Na Glória* e *Pororó-Pororó*; *Chorinho de Gafieira*, de Astor Silva; *Paraquedista* de José Leocádio; *Folhas Secas*, de Guilherme de Brito (1922-2006) e Nelson Cavaquinho (1911-1986) e *Saudades da Bahia* de Dorival Caymi (1914-2008). Em 1979 lançou outro LP, chamado de *O Som da Gafieira*.



Nele gravou os famosos *Piston de Gafieira* e *Estatuto da Gafieira*, de Billy Blanco (1924-2011), além de sambas como *Coração Leviano*, de Paulinho da Viola (1942-) e *Casa de Bamba*, de Martinho da Vila (1938-). Em 1983 lançou o LP *Trombone de Ouro*. Neste álbum Raul de Barros regravou seu choro *Na Glória* em um novo arranjo, começando seu famoso choro de uma forma inusitada, em ritmo de valsa (ternário). Neste álbum Raul grava choros tradicionais como *Carinhoso*, de Pixinguinha; *Pedacinhos do céu*, de Waldir Azevedo; *Doce de Côco*, de Jacob do Bandolim; além de *Ela me disse*, de Lupicínio Rodrigues (1914-1974) e um arranjo muito interessante e dançante de *Chattanooga Choo Choo*, um clássico norte americano de Glenn Miller, interpretado em ritmo de samba/gafieira.

Raul de Barros, além de sua carreira de solista, sempre participou de shows e gravações de outros artistas. Tocou ao lado de Ary Barroso (1903-1964), Pixinguinha, Radamés Gnatalli (1906-1988), dentre vários outros nomes de peso da música brasileira. Participou da produção da marcha *Pra frente Brasil*, de Miguel Gustavo<sup>48</sup> e foi o trombonista dos primeiros discos do grande sambista Angenor de Oliveira (1908-1980), o Cartola, lançados pela gravadora *Marcus Pereira*. O “Rei da Gafieira”, como ficou conhecido, é um dos principais instrumentistas que servem de exemplo estilístico para a interpretação do choro e samba para dançar, o “choro e samba de gafieira”. Sua forma de tocar é sem dúvida uma das referências para quem se dedica ao estudo do trombone popular brasileiro. Raul de Barros influenciou a carreira de vários trombonistas. Segundo Zé da Velha (1942-), “todos naquela época admiravam o Raul. Ele era um grande artista e trombonista” (MATOS; FREITAS, 2014). Esta afirmação pode ser corroborada por Silvério Pontes (1960-), que também atesta ter ouvido de Zé da Velha que “Raul de Barros, segundo o Zé, é uma das influências que ele teve como trombonista...” (PONTES, 2017).

Nelson Martins dos Santos (1927-1996), o Nelsinho do Trombone foi um músico muito completo, sua importância como arranjador foi imensa, devido aos seus trabalhos como diretor artístico nas gravadoras *RCA Victor* e *Odeon*. Ele nasceu no Rio de Janeiro e começou

---

<sup>48</sup> Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 2002, Raul de Barros reivindicou a coautoria de *Pra Frente Brasil* (1970), alegando que ele teria feito a melodia, enquanto Miguel Gustavo criou a letra.



a sua carreira no exército tendo aulas com trombonistas como Gilberto Gagliardi<sup>49</sup>. Como arranjador e trombonista, realizou trabalhos com os principais artistas brasileiros. No LP *Gente da Antiga*, teve a oportunidade de tocar com Pixinguinha, Dino 7cordas, Nelson Sargento (1924-), João da Baiana e Clementina de Jesus (1901-1987). No choro, Nelsinho prestou uma bela homenagem a Candinho Trombone, com LP *Candinho na interpretação de Nelsinho*, como já citado anteriormente. Este disco é uma das principais fontes das músicas do antigo mestre Candinho. Segundo JÚNIOR (2014), os arranjos de Nelsinho exploraram todo o vanguardismo e virtuosidade contida nas obras de Candinho. Outros trabalhos importantes feitos por Nelsinho foram a participação nos discos do sambista Cartola, *Verde que te quero Rosa*, *Cartola* e *Cartola 70 anos*. Os solos de Nelsinho em canções como *Aconteceu*, *Não posso viver sem ela*, *Minha*, *Sei chorar* e *Senhora Tentação*, são de audição essencial para qualquer trombonista interessado em desenvolver a linguagem no trombone na música popular brasileira.

Desta mesma geração temos o mineiro Antônio José da Silva, mais conhecido por “Norato”. Norato iniciou sua carreira artística em 1949, atuando nas orquestras do maestro Orlando Silva de Oliveira Costa (1922-1992), ou Maestro Cipó e do Maestro Carioca, onde se destacou como solista, realizando diversas gravações e viagens. Sua primeira gravação foi em 1951, com o grande cavaquinista Waldir Azevedo, interpretando *Pisa Mansinho*, de Jorge Santos. Em 1952, destacou-se como solista no LP *Assim eu danço*, com o Maestro Cipó. Como solista e arranjador, lançou seu LP *Um Trombone ao Sol*, em 1972.

### **Considerações finais**

Atualmente temos vários trombonistas brasileiros que se dedicam ao Choro, eles atuam em rodas de Choro espalhadas por todo país, além de existirem diversos registros e

---

<sup>49</sup> Gilberto Gagliardi (1922-2001) é paulista. Trombonista, arranjador, compositor e professor. Desbravador do ensino do trombone no Brasil, foi inovador na didática musical, trazendo ao Brasil as técnicas mais modernas utilizadas nos grandes centros. É autor de métodos para o ensino do trombone que são amplamente utilizados. Como compositor e arranjador, é responsável por uma literatura extensa de música brasileira para trombone e piano, duos, quartetos, octetos, etc. Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/gilberto-gagliardi>>. Acesso em: 1 abr. 2016.



gravações. A título de exemplo, citarei três trombonistas que representarão toda essa geração atual.

A referência atual maior, é sem dúvida alguma, o trombonista Zé da Velha (1943-). José Alberto Rodrigues Matos nasceu no dia 04 de abril de 1942 em Aracaju/SE. Veio para o Rio de Janeiro ainda criança e teve suas primeiras noções de música com o pai, que era saxofonista. Seu pseudônimo Zé da Velha foi conseguido através da experiência que teve ainda jovem, tocando com Pixinguinha, Donga e João da Bahiana no conjunto *Velha Guarda*. Zé da Velha tocou e gravou com nomes como Paulo Moura, Joel Nascimento, Abel Ferreira, Waldir Azevedo e Copinha, no histórico Choro na Praça, Valdir e Valter Silva, no grupo Chapéu de Palha, dentre outros. Com Silvério Pontes (trompetista), fez uma dupla que é conhecida como “a menor Big Band do mundo”, apelido carinhoso dado pelo violonista Maurício Carrilho. Com o trompetista, criou um som renovado, mas apegado à tradição, gravando seis discos: *Só Gafieira!* (1995), *Tudo Dança* (1998), *Ele & Eu* (2000), *Samba Instrumental* (2003), *Só Pixinguinha* (2006) e *Ouro e Prata* (2012). Diferentemente da maioria dos trombonistas citados, Zé da Velha dedicou sua carreira musical única e exclusivamente para o Choro, se tornando uma referência de performance no gênero não só para trombonistas, mas para todos os músicos que interpretam o Choro. Sua experiência com o grande mestre Pixinguinha, o contato com a banda de música e sua prática e conhecimento do violão lhe conferiram mais do que o domínio sobre a interpretação do gênero, mas uma linguagem própria que hoje é referência para interpretação do Choro.

Outro grande trombonista foi Roberto Marques ( -2017). Muito ligado ao choro e ao samba de gafieira tem participações em shows e gravações de vários artistas e bandas. Participou com Flávio Pantoja do show “*Pixinguinha Inédito*”. Em 1997, com Rodrigo Lessa (bandolim), Lula Galvão (violão), Xande Figueiredo (bateria), Marcos Esguleba (percussão), Eduardo Neves (sax e flauta) e Edson Menezes (baixo), formou o grupo *Pagode Jazz Sardinha's Club*, com o qual lançou um CD homônimo em 1999. No ano de 1998, fez o lançamento de seu disco solo *Trombone do Brasil*, com músicas autorais como *Trombone Vadio*, *Pulmão de Aço*, *Rasga Saia* e *Pau no Meio*, além de alguns choros como *Pedacinhos no Céu* (Waldir Azevedo) e *Chorinho de Gafieira* (Astor Silva).



Trombonista que podemos considerar ser um dos representantes da mais nova geração do trombone no Choro no Brasil é Everson Moraes. Nascido em Cordeiro/RJ, é bacharel em trombone pela UNIRIO e idealizador do grupo *Os Matutos*. No choro se confessou<sup>50</sup> extremamente influenciado por Zé da Velha, por quem nutre uma profunda admiração e respeito. Everson desenvolve um espetacular trabalho de pesquisa e recuperação de partituras na região serrana do Rio de Janeiro. Além disso, lançou em 2016, o CD *Irineu de Almeida e o Oficleide 100 Anos Depois*, juntamente com um álbum contendo as partituras das obras gravadas, sendo o primeiro CD gravado no Brasil utilizando um oficleide original do século XIX. Juntamente com seu irmão Aquiles Moraes, trompetista, foram considerados os sucessores de Zé da Velha e Silvério Pontes. Segundo o próprio PONTES (2017):

(...) o Everson toca choro exatamente como o Zé, é impressionante como ele consegue imitá-lo. Sem dúvida alguma é o trombonista que mais se aproxima da forma de Zé da Velha tocar. Estes dois irmãos são fantásticos. Não é à toa que nas rodas de choro o Everson foi apelidado de “Zé da Nova” e o irmão Aquiles de “Silvério Pinguelinha.” (PONTES, 2017).

## 7. Referências

ALBIN, Cravo. *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br>. Acessado em 24/01/2016.

ALBRICKER, Marcos Vinícius Lopes. *A big band brasileira: a contribuição de Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara*. Dissertação de Mestrado. PPGMUS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

BRASIL DE MATOS GUEDES, Alexandre. *Introdução à Poética do Contrabaixo no Choro: O Fazer do Músico Popular entre o Querer e o Dever*, 2003. 180 f. UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003. (Dissertação de Mestrado em Música).

DINIZ, André; CUNHA, Diogo. *Zé da Velha & Silvério Pontes 30 anos: A Menor Big Band do Mundo*. Rio de Janeiro: Al-Farábi, 2016

JESUS, Sérgio Luiz de. *Zé da Velha: Vida e Trajetória no Choro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999 (Dissertação de Mestrado).

JUNIOR, Osmário Estevam. *Cândido Pereira da Silva: “Chorão”, compositor e trombonista*

---

<sup>50</sup> Depoimento de Everson no filme *Brasileirinho* (2005), do diretor e cineasta finlandês Mika Kaurismaki.



brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014 (Dissertação de mestrado).

MATOS, José Alberto Rodrigues; FREITAS, M. F. A. *Entrevista de Zé da Velha a Marcos Flávio de Aguiar Freitas em 23/05/2014*. Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG: 2014 (Gravação em vídeo).

PINTO, Alexandre G. *Reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro, 1936.

PONTES, Silvério. *Entrevista de Silvério Pontes a Marcos Flávio de Aguiar Freitas*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <whatsapp (31) 9 99556438> em 04/10/2017. Betim/MG: 2017 (áudio).

## **DVD**

KAURISMAKI, Mika. *Brasileirinho: grandes encontros do choro*. Rio de Janeiro: Marco Foster Productions, 2005.

**Registros Extremos no Trombone: uma exposição sobre a técnica específica ao praticar as notas extremas agudas e graves**